

# NOTA PRELIMINAR SOBRE A ESTRUTURAÇÃO DO GRUPO AÇUNGUI NO VALE DO RIBEIRA E A NORTE DA CIDADE DE SÃO PAULO

R.Machado; A.R.S.Fragoso Cesar - DGG/IGUSP

O Grupo Açungui compreende uma cunha miogeoclinal rifeana instalada na borda agora oriental de uma antiga massa continental, posteriormente envolvida em uma orogenia responsável por sua atual geometria em blocos crustais, deformação, metamorfismo e intrusões graníticas. Esta cunha corresponde a uma margem continental passiva sob condições paleoclimáticas úmidas e quentes que se aprofunda e espessa para Sudeste, dominada por sistemas deltáicos, plataformas carbonáticas (algais e detriticas), siliciclásticas e depósitos profundos de planícies baciais associados, localmente afetada por magmatismo básico contemporâneo.

Secções geológicas contínuas no Vale do Ribeira e a norte da cidade de São Paulo permitiram - através da análise das litologias e suas estruturas primárias e tectônicas - visualizar a organização estratigráfica local desta unidade e as deformações que a afetaram, sendo a discussão destas o objetivo da presente nota.

Estudos sobre a estruturação desta unidade têm, como regra, levantado diversas fases superpostas de dobramentos geradas durante sua evolução. No entanto, analisando afloramentos e suas relações ao longo destas secções, notamos deformações complexas apenas em seqüências supracrustais antigas (e.g., Grupo Serra de Itaberaba), não impressas no Grupo Açungui. Neste, apenas uma fase importante está registrada, responsável por sua estruturação em monoclina, sinclinais e anticlinais normais e abertos de plano-axial sub-vertical de direção NE-SW, gerando clivagem em leque e, localmente (e.g., 7km a SE de Apiaí), evoluindo para dobras apertadas com plano-axial inclinado e falhas inversas. Excetuando no flanco inverso destas dobras, muito subordinadas, a relação estratigráfica primária é mantida, o que é atestado por estruturas geopéticas indicadoras de base e topo normais de suas camadas, dificultando interpretações que envolvam sucessivas fases de redobramentos.

Em termos estruturais, pode-se individualizar uma fase de deformação principal, responsável pela geometria geral do Grupo Açungui e, outra tardia, subordinada e descontínua, que possui orientação ortogonal à oblíqua a fase anterior, gerando um padrão de interferência tipo 1, com domos e bacias.

No Vale do Ribeira, a organização estrutural gerada durante a fase principal, pode ser dividida em dois compartimentos maiores: um meridional, na região de Iporanga e a SE desta, caracterizada predominantemente por uma grande estrutura homoclinal de mergulhos acentuados para NW e, outro setentrional, entre Iporanga e Apiaí, por sinclinais e anticlinais com superfícies axiais verticalizadas, localmente evoluindo para dobras com flancos inversos, associadas à falhas inversas/empurrão, vergentes para SE.

À fase principal associam-se dobras em diferentes escalas, com perfis em geral abertos, do tipo isopacas, contendo clivagem plano-axial em leque, de vertical a inclinada e, localmente, com baixo mergulho, devido, em grande parte, ao efeito do mecanismo de deslizamento flexural entre as camadas. Nota-se um predomínio da deformação dos flancos, onde a clivagem é melhor desenvolvida. A intercalação de níveis pelíticos com níveis psamíticos determina a presença freqüente de refração da clivagem plano-axial.

A relação entre as estruturas tectônicas e sedimentares, particularmente entre a clivagem plano-axial e as estruturas primárias indicativas de base e topo (relação  $S_1/S_0$ , estratos cruzados de tipos diversos, marcas onduladas, acamadamente gradacional, etc.) - exceto onde as dobras evoluem para dobras com flanco inverso, o que é bastante localizado - a relação estratigráfica primária é claramente reconhecida, conforme já pioneiramente apontado no clássico trabalho de Petri & Suguio (1969).

A fase tardia superposta, apenas localmente impressa, pode gerar também uma clivagem plano-axial, sendo porém espaçada e restrita a domínios com dobras em escala cm/dm, possuindo direção oblíqua à ortogonal a fase anterior. Esta fase, provavelmente, relaciona-se à evolução e/ou reativação de zonas de cisalhamento verticais, particularmente aquelas que limitam os blocos do Grupo Açungui.

Esta mesma estruturação, afetando unidades litoestratigráficas correlacionáveis às do Vale do Ribeira ("Grupo São Roque"), é reconhecível a norte da cidade de São Paulo, excluindo unidades vulcanogênicas complexamente deformadas e metamorizadas, claramente mais antigas, que Juliani et al (1986) definiram como Grupo Serra de Itaberaba.

## REFERÊNCIAS

JULIANI, C.; BELJAVSKIS, P.; SCHORSCHER, H.D. - 1986 - Petrogênese do vulcanismo e aspectos associados: Grupo Serra de Itaberaba na Região de São Roque - SP. Congr.Bras.Geol., 34, Goiânia, SBG, Anais, 2:730-743.

PETRI, S. & SUGUIO, K. - 1969 - Sobre os metassedimentos do extremo sul do Estado de São Paulo. São Paulo, Convênio USP/DAEE (Publicação Especial).